

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO – DEJOR
CURSO DE JORNALISMO

Amanda de Paula Almeida

Baobá:
Crônicas sobre o lugar do amor romântico na vida de mulheres negras

Produto jornalístico

Mariana
2023

Amanda de Paula Almeida

Baobá:
Crônicas sobre o lugar do amor romântico na vida de mulheres negras

Memorial descritivo de produto jornalístico apresentado ao curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof. Dra. Hila Bernardete Silva Rodrigues

Mariana

2023

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

A447b Almeida, Amanda De Paula.

Baobá [manuscrito]: crônicas sobre o lugar do amor romântico na vida de mulheres negras. / Amanda De Paula Almeida. Amanda de Paula Almeida. - 2023.

31 f.: . + O meu TCC foi a produção de um livro, portanto, além do memorial há também um livro.

Orientadora: Profa. Dra. Hila Bernadete Silva Rodrigues.

Produção Científica (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Jornalismo .

1. Amor. 2. Crônicas. 3. Negras na literatura. I. Almeida, Amanda de Paula. II. Rodrigues, Hila Bernadete Silva. III. Universidade Federal de Ouro Preto. IV. Título.

CDU 821.134.3(81)-94

Bibliotecário(a) Responsável: Essevalter De Sousa - Bibliotecário Coordenador
CBICSA/SISBIN/UFOP-CRB6a1407



FOLHA DE APROVAÇÃO

Amanda de Paula Almeida

Baobá: Crônicas sobre o lugar do amor romântico na vida de mulheres negras

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Jornalismo

Aprovada em 13 de dezembro de 2023

Membros da banca

Prof.(a) Dr(a). Hila Bernardete Silva Rodrigues - Orientador(a) (Universidade Federal de Ouro Preto)
Prof.(a) Dr(a). Denise Figueiredo Barros do Prado (Universidade Federal de Ouro Preto)
Mestre Amanna Luíza de Brito Nunes (Universidade Federal de Ouro Preto)

Hila Bernardete Silva Rodrigues, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 09/09/2024



Documento assinado eletronicamente por **Hila Bernardete Silva Rodrigues, VICE-COORDENADOR(A) DE CURSO DE JORNALISMO**, em 09/09/2024, às 16:21, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0774477** e o código CRC **9038221A**.

AGRADECIMENTOS

Aos que me ensinaram primeiro sobre amor, minha mãe, Andréa e meu pai, Eliseu. Obrigada por me preencherem de boas referências sobre o que é amar e ser amado. Jamais teria chegado a lugar algum se vocês não tivessem me ensinado desde cedo que amor é respeito e compromisso. Honro vocês.

Helena, minha irmã. Você chegou e eu reaprendi a amar aos 16 anos. Guardo para você o mais puro e verdadeiro amor.

A todas as pessoas da minha família, em especial às mulheres que vi sofrendo por violências e que tentavam disfarçar-se de amor.

Mírian, Sarah, Jeane, Magda, Patrícia e Maria de Lurdes por toparem sentar comigo e serem vulneráveis. Espero que se sintam representadas pelas histórias. Aprendi um pouco sobre amor com cada uma de vocês.

À minha orientadora, Hila Rodrigues, por me apoiar e acreditar nesse projeto e no meu trabalho.

Beatriz Mello, pelo trabalho impecável na diagramação, pela criatividade e carinho. E pela parceria de sempre.

Ao excelente artista, Mayron Gomes, pela ilustração da capa.

Aos meus queridos amigos que choraram lendo as crônicas e aos que sempre acreditaram mais em mim do que eu mesma, em especial Camila, Cleverton, Giovanna, Ívina, Sarah, Tiago e Mírian. Amo vocês.

Aos amigos que fiz pelo caminho. Serei sempre grata por todo amor compartilhado: Luciano, Enzo, Maria Eduarda, Laene, Lucas, Igor, Rayan, Victória, Rafaela e todos irmãos/vizinhos.

À Universidade Federal de Ouro Preto pelo ensino público de qualidade.

RESUMO

Este memorial reflete a produção do livro “Baobá”, elaborado com objetivo de explorar e documentar, através de crônicas, a relação de mulheres negras com o amor. Foram convocadas para as reflexões aqui propostas as autoras Ana Paula Gomes, bell hooks e Neusa Santos Souza, que permitiram o aprofundamento dos debates sobre as subjetividades particulares que atravessam as emoções experimentadas pelas pessoas negras. Ao todo, seis mulheres foram entrevistadas no período de dezembro de 2022 a junho de 2023, contribuindo para a discussão do amor no universo feminino. O livro revela as impressões e expectativas de cada mulher em relação ao amor que emerge permeado por problemáticas atinentes ao racismo e à misoginia, afetando a autoestima dessas mulheres em suas relações pessoais e em suas projeções para o futuro. Ao mesmo tempo, as crônicas também refletem os conhecimentos que acumulei em relação à prática jornalística durante o período da graduação.

Palavras-chave: Amor; Mulheres Negras; Crônicas; Jornalismo; Narrativas

ABSTRACT

This memorial reflects the production of the book “Baobá”, created with the aim of exploring and documenting, through chronicles, the relationship between black women and love. The authors Ana Paula Gomes, bell hooks and Neusa Santos Souza were invited to the reflections proposed here, which allowed for deeper debates on the particular subjectivities that permeate the emotions experienced by black people. In total, six women were interviewed from December 2022 to June 2023, contributing to the discussion of love in the female universe. The book reveals the impressions and expectations of each woman in relation to love that emerges permeated by issues related to racism and misogyny, affecting the self-esteem of these women in their personal relationships and in their projections for the future. At the same time, the chronicles also reflect the knowledge I accumulated in relation to journalistic practice during my undergraduate studies.

Keywords: Love; Black Women; Chronicles; Journalism; Narrative

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1. REFLEXÕES SOBRE RAÇA E AMOR	8
1.1 A raça e a subjetividade	8
1.2 A Interseccionalidade	10
1.3 O amor	11
1.4 A raça e o amor.....	13
2. A CRÔNICA, A LITERATURA E O JORNALISMO	16
3. PAUTA ESTENDIDA	19
4. PROPOSTA E RELATÓRIO DE PRODUÇÃO	21
4.1 Processo de produção e estratégias	21
4.2 As personagens, entrevistas e escrita das crônicas	22
5. O PROJETO GRÁFICO	25
5.1 O título	25
5.2 A ilustração e paleta de cores	26
5.3 A diagramação.....	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS	30

INTRODUÇÃO

O presente memorial se refere ao produto “Baobá”, um livro de crônicas que procura explorar a relação de seis mulheres negras com o amor. O produto foi construído com o objetivo de identificar e documentar as diferentes maneiras como as mulheres negras, de variadas classe sociais, relacionam-se com o afeto romântico no cotidiano e no decorrer de suas trajetórias em uma sociedade racista e misógina.

O campo da comunicação tem espaço para reflexões abrangentes a partir da contemplação das miudezas relacionadas ao modo de ser e de estar de cada um. Nessa perspectiva, um livro de crônicas que trata do amor na perspectiva de mulheres negras permite uma discussão social a partir de uma emoção coletiva (o amor) que é, muitas vezes, trabalhado somente na ordem do lírico e/ou do ficcional. Tratar o amor como emoção coletiva é trata-lo como algo dependente, e em geral relacionado aos preconceitos e padrões da sociedade.

Quem é amado, acolhido e respeitado está intrinsecamente ligado a formas específicas de socialização. Mas estar nessas condições também tem a ver com escolhas, com expectativas de um futuro onde pessoas negras possam se curar amando e sendo amadas. Aqui, torna-se essencial que mulheres negras sejam protagonistas e capazes de falar ativamente sobre seus algozes, suas dores e lutas – e também sobre seus amores, afetos e alegrias. Também é importante que essas histórias sejam contadas através de lentes reflexivas, que promovam interseccionalidade, de modo que elas não se limitem às diferentes identidades e vivências de cada mulher negra.

Para discutir os temas aqui propostos, recorreu-se a áreas de estudo relacionadas à raça e suas subjetividades. Nesse campo, conceitos como o de “mito negro”, assim como a compreensão do que significa “torna-se negro” – explorado pela médica e escritora brasileira, Neusa Santos Souza, em sua obra *Tornar-se negro, ou, as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social* (1983) – foram fundamentais. Também foi importante pesquisar temas centrados na perspectiva psicológica, de modo a alcançar as subjetividades presentes no percurso das pessoas negras a partir das aflições decorrentes do racismo. Para tratar das interações e vivências que marcam essas subjetividades, por exemplo, foi convocada a autora Kimberlé Crenshaw (*apud* AKOTIRENE 2019, p. 175) A fala da pesquisadora articula-se à discussão de interseccionalidade proposta por Carla Akotirene (2019) a partir da ideia de subordinação.

Mas foi preciso, também, encarar as variadas concepções sobre o amor. Foi essencial buscar o pensamento de bell hooks em “Tudo sobre o amor” (2021), principal base para tratar dos temas relacionados ao afeto. A autora aborda diferentes tipos de amor e as dificuldades encontradas no campo das relações afetivas. Além disso, como uma teórica negra, bell hooks racializa todos os seus discursos, o tornando-os ainda mais pertinentes para este produto.

Outro movimento importante foi estabelecer uma conexão entre o sentimento amoroso e a negritude. bell hooks, agora em “Vivendo de amor” (2010), é referência importante neste ponto, assim como Ana Paula Pereira Gomes, que trabalha a ideia de “administração de emoções” para explicar como certos traumas do racismo, da misoginia e da LGBTQIAPN+fobia podem refletir na forma como as pessoas lidam com suas emoções e na percepção que elas têm de si mesmas.

Todos esses elementos adequaram-se de forma harmônica ao gênero crônica. Por isso o memorial também se dedica às particularidades desse tipo de escrita como método narrativo para apresentar as vivências de diferentes mulheres. Para traçar a história da crônica no jornalismo, Roberta Scheibe (2006) e Silvânia Siebert (2014) foram as principais autoras utilizadas. Com elas foi possível entender melhor as razões por que a crônica estabeleceu uma relação tão próxima com o jornalismo. Já no intuito de explorar o potencial da crônica como gênero narrativo livre – e lírico, ao mesmo tempo –, recorreu-se aos estudos de José Augusto Mendes Lobato (2018) a partir das discussões propostas por Todorov.

Na sequência apresenta-se a pauta estendida, que explica a organização, os procedimentos e técnicas estabelecidas para a produção do livro de crônicas. Lá estão as singularidades próprias da atividade jornalística, que envolve a apuração, a entrevista, a elaboração do texto e a edição.

Em seguida, passamos para a seção em que apresentamos a proposta e o relatório de produção, que permite melhor compreensão acerca das estratégias adotadas para cada entrevista – e sobre o tipo de escrita empreendida. A seção subsequente trata do Projeto Gráfico, quando são apresentadas as referências utilizadas para a criação do visual do livro, bem como para a construção do nome da obra, Baobá. O texto ao qual se recorre, aqui, é “*O Baobá na paisagem africana*”, de Waldman (2012). A partir da ideia para essa visualidade, avança-se para a apresentação das escolhas estéticas e da diagramação do produt

1. REFLEXÕES SOBRE RAÇA E AMOR

Para iniciar a discussão na qual baseia-se esse produto é essencial trabalhar a raça aliada à subjetividade. A autora Ana Paula Pereira Gomes (2007) usa do conceito de “trabalho emocional” da autora Arlie Hochschild para falar sobre o que chama de “administração de emoções”, que é o esforço emocional produzido por grupos subalternos de criar emoções “a serem sentidas e representadas, de modo a proteger a autoestima da depreciação ou mesmo de dissimular emoções não sentidas” (GOMES, 2007, p.531)

Dessa forma, é preciso enxergar o sujeito negro a partir de opressões individuais e coletivas traduzidas nos ataques subjetivos à autoimagem e à imagem coletiva, fator indutor de condições desestimulantes para os indivíduos, que reagem de formas diferentes a essas opressões devido às diferentes maneiras de administrar essas emoções.

1.1 A raça e a subjetividade

No Brasil, a identidade racial negra é, para fins de estudos demográficos, definida a partir classificação racial do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), que se baseia na autodeclaração dos indivíduos a partir de cinco classificações raciais apresentadas: *branco*, *preto*, *pardo*, *amarelo* e *indígena*. A classificação *negro* é constituída do somatório de indivíduos autodeclarados pretos e pardos. Entretanto, através de uma lente social, política e histórica, a formação do indivíduo negro é mais complexa que apenas a autodeclaração étnica. (OLIVEIRA, 2004, p.58)

A autora Neusa Santos Souza, em sua obra *Tornar-se negro, ou, as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social* (1983) conceitua o que é chamado de “mito negro”. O mito é, como a autora coloca: “(...) um discurso – verbal ou visual – uma forma de comunicação sobre qualquer objeto: coisa, comunicação ou pessoa. Mas o mito não é uma fala qualquer. É uma fala que objetiva escamotear o real, produzir o ilusório, negar a história e transformá-la em “natureza” (p. 25). Entende-se, então, que o mito é criado com um objetivo específico – e que é firmado em estruturas sociais, políticas, ideológicas e econômicas e crescendo através de uma representação que “expressa e oculta uma ordem de produção de bens de dominação e doutrinação” (SOUZA, 1983, p.25).

Equivale a dizer que as representações daquilo que é *ser uma pessoa negra* carrega significações que ultrapassam uma identificação étnica e se compõe como um aparato ideológico de uma cultura dominante, que só se consagra como tal a partir do outro como

subordinado, inferior – o *outsider*. O sujeito que é colocado como *outsider* tem, como carga, desde os primeiros momentos de socialização, essa necessidade de buscar representações positivas sobre si (GOMES, 2007, p. 532).

São essas representações dissonantes que administram e mantêm o *status quo* e as posições de dominação e subordinação que Neusa Santos Souza chama de o “mito negro”, e que é organizado tridimensionalmente, como a autora expõe: primeiramente, “pelos elementos que entram em jogo na composição desse mito”, depois “pelo poder que tem esse mito de estruturar um espaço feito de expectativas e exigências, ocupado e vivido pelo negro enquanto objeto da história”, e, por último, “por um certo desafio colocado a esse contingente específico de sujeitos – os negros” (SOUZA, 1983, p.26).

Desta forma, Neusa Santos Souza argumenta que o sujeito se compõe sempre em referência ao branco. O que ele deve ser, o que não é, o que gostaria e o que nunca será tem como referencial a branquitude. A partir disso, as principais figuras representativas presentes na ideia do “mito negro” são “o irracional, o feio, o ruim, o sujo, o sensitivo, o superpotente e o exótico” (SOUZA, 1983, p.27).

À vista disso é que a autora trabalha a ideia de **tornar-se** negro. Não há, na perspectiva dela, representações positivas a partir das quais os indivíduos negros podem afirmar ou negar a si próprios. Assim, não são negros *a priori*. Mas tornam-se.

Ser negro é, além disto, tomar consciência do processo ideológico que, através de um discurso mítico acerca de si, engendra uma estatura de desconhecimento que o aprisiona numa imagem alienada, na qual se reconhece. Ser negro é tomar posse desta consciência e criar uma nova consciência que reassegure o respeito às diferenças e que reafirme uma dignidade alheia a qualquer nível de exploração (SOUZA, 1983, p. 77)

Neste trabalho, a justificativa para a escolha deste tema, bem como as reflexões que ele demanda, exige uma discussão na qual os conceitos de subjetividade e raça estejam alinhados. É preciso perceber as mulheres negras em um lugar muito singular de opressão nessa cadeia de elementos, exatamente por elas terem sido tomadas, ao longo da história do mundo, como sujeitos subalternos no gênero e na raça. Além disso, algumas das mulheres entrevistadas neste livro carregam, ainda, outras subjetividades relacionadas à sexualidade, gênero e idade.

1.2 A Interseccionalidade

“E eu não sou uma mulher?”, indagava Sojourner Truth em seu discurso, durante uma convenção de direitos das mulheres em Ohio, Estados Unidos, em 1851. Anos mais tarde, em 1981, bell hooks lançava um livro homônimo que se propunha a discutir a questão central de Truth em seu discurso: o abismo entre mulheres negras e brancas e entre homens e mulheres negras. Historicamente, mulheres negras nunca foram completamente abraçadas nem pelo sufrágio das mulheres brancas, nem pelo movimento negro.

As questões de Truth e hooks vêm do reconhecimento de que a mulher negra é colocada, historicamente, num lugar injusto em que se espera que ela escolha qual lado do seu corpo político será priorizado. Desde o processo do sufrágio do homem negro e da mulher branca, é pedido às mulheres negras para escolher entre os interesses das mulheres brancas, essencialmente racistas, ou os dos homens negros, essencialmente patriarcais (hooks, 2019, p.29).

Dentro dessa perspectiva, surge a necessidade de uma lente analítica capaz de observar como as opressões, não só as raciais e de gênero, mas também relacionadas à classe e sexualidade, entre outras, criam vivências distintas às mulheres negras. Essa lente seria a interseccionalidade (AKOTIRENE, 2019, p.35). O termo foi cunhado, pela primeira vez, pela ativista estadunidense Kimberlé Crenshaw. Para a autora, interseccionalidade é:

A conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressões de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento (CRENSHAW *apud* AKOTIRENE 2019, p. 175).

A Interseccionalidade é, portanto, um mecanismo teórico e metodológico que “impede reducionismos da política de identidade e elucidada as articulações das estruturas modernas coloniais que tornam a identidade vulnerável, investigando contextos de colisões e fluxos entre estruturas, frequência e tipos de discriminações interseccionais” (AKOTIRENE, 2019, p. 35).

A lente analítica torna-se, dessa forma, essencial para a investigação dos aspectos singulares das mulheres negras. Para validar uma existência social e política, é necessário, a

priori, que o olhar para essas mulheres reconheça particularidades que perpassam a raça e o gênero, mas que também vão para além disso.

1.3 O amor

O amor nas telas, nos livros, nas propagandas, novelas e no imaginário coletivo é grande e irrefreável demais para ser definido. Por vezes, o sentimento é entendido como uma força natural, cósmica, que só pode ser sentida. hooks (2021) em *Tudo sobre o amor: Novas perspectivas*, acredita que a dificuldade da nossa sociedade em experimentar um amor verdadeiro, saudável e honesto vem justamente da falta de um significado para o amor.

Há um perigo iminente quando nos recusamos a utilizar uma definição objetiva para o amor. O filósofo Leandro Konder (2007), em seu livro *Sobre o amor*, aponta para o problema que a elasticidade do termo pode causar. O autor acredita que o amor é o sentimento mais forte da psique humana (KONDER, 2007, p. 8), capaz de aliar-se e fundir-se às mais diversas emoções, as boas e as ruins. Entretanto, ao traçar esse olhar cósmico sobre o sentimento, também lhe confere a ideia de ilimitado, infinito: “o mais forte dos nossos sentimentos estará cultivando uma fantasia de onipotência que torna inviável para nós qualquer dimensionamento convincente de nossa faculdade de amar” (KONDER, 2007, p.9)

Quando articulamos o amor à infinitude, muito conteúdo agrega-se e justifica-se em nome do sentimento. É como se disséssemos que o sentimento é o oposto da racionalidade, é uma força da natureza que nos acontece sem nenhuma possibilidade de escolha ou escape. A partir daí, muito seria aceito em nome do amor, inclusive o abuso. hooks começa a pensar o amor a partir da infância e dos núcleos familiares. Nós, como sociedade, frequentemente projetamos no indivíduo conceitos deturpados, esticados, confusos sobre o amor. No campo da individualidade, esse tipo de ação gera consequências: como amar corretamente, se não sabemos o que é amor?

Quando fazemos o esforço de ultrapassar o senso comum e buscar definições conceituais para o amor, pode-se fazer algumas conexões. Renato Nogueira, em seu livro *Por que amamos? – o que os mitos e a filosofia têm a dizer sobre amor* (2020), define o amor como emoção coletiva. Já bell hooks acredita que o primeiro passo para se definir o amor é enxergá-lo como uma ação. Konder, por sua vez, utiliza dos textos de Marx para definir o amor como uma resposta à alienação do capitalismo, um modo de se constituir o “homem total”, “agindo e

refletindo, sentindo e pensando, descobrindo-se, reconhecendo-se e inventando-se” (KONDER, 2007, p.21)

Percebe-se, então, que o sentimento ocupa um lugar social, político e, principalmente, coletivo. Uma visão realista sobre o conceito e a prática do sentimento não tira dele a importância e capacidade de mudança, não desvaloriza sua importância ou a dimensão que ocupa. O amor é a única forma de estabelecer uma sociedade justa, honesta e respeitável, como assinala hooks: “o compromisso como uma ética amorosa transforma a vida ao nos oferecer um conjunto diferente de valores pelos quais viver” (hooks, 2021, p.124).

Na concepção da autora, então, o amor seria tudo. Parte essencial de quem somos como indivíduos, mas também como sociedade, está ligada a esse sentimento, que se mostra essencial para subverter a opressão e dominação capitalista. Além disso, hooks (2021) define o amor como “a vontade de se empenhar ao máximo para promover o próprio crescimento espiritual ou o de outra pessoa” (p. 52).

É comum pensar o amor como um sentimento exterior, que sai de nós e é entregue a alguém. Entretanto, hooks também enfatiza a importância de se cultivar o amor próprio para saber como amar o outro. Aqui, é preciso enxergar esse amor cultivado em si mesmo como o resultado de uma prática constante. A autora afirma que não nascemos sabendo como amar: “Quando vemos o amor como uma combinação de confiança, compromisso, cuidado, respeito, conhecimento e responsabilidade, podemos trabalhar para desenvolver pessoas qualidades ou, se elas já forem parte de quem somos, podemos estendê-las a nós mesmos”. (hooks, 2021, p.94)

O foco do presente trabalho é no amor depositado romanticamente em outra pessoa. No entanto, como vimos, só é possível falar em um amor externo após compreender a necessidade do amor próprio. Em relação ao que hooks define como “doce amor” – o amor romântico –, percebe-se, por diversas vezes, que os sujeitos procuram esse amor sem ter alcançado a verdadeira dimensão e força prática do sentimento: “Para regressar ao amor, para alcançar o amor que sempre quisemos, mas nunca tivemos, para ter o amor que queremos, mas não estamos preparados para dar, procuramos relacionamentos românticos.” (hooks, 2021, p. 199). Partindo dessa concepção do “doce amor”, a autora trabalha a ideia do amor verdadeiro, que, no imaginário coletivo, seria simples e fácil: o amor verdadeiro acontece a você e é bom, prazeroso e perfeito. Entretanto, ela mostra como esse sentimento, esse amor verdadeiro, demanda um comprometimento efetivo-

Contudo, quando nos comprometemos com o amor verdadeiro, estamos comprometidos a sermos mudados, a sermos afetados pela pessoa amada de uma maneira que nos permite ser mais autorrealizados. Esse compromisso com a mudança é uma escolha. Acontece como um acordo mútuo. Repetidamente, as declarações mais comuns que ouço serem reafirmadas a respeito do amor verdadeiro são de que ele é “incondicional”. O amor verdadeiro é incondicional, mas, para desabrochar verdadeiramente, demanda um compromisso constante com a luta e transformação construtiva. (hooks, 2021, p.214)

O amor, portanto, é, sim, um sentimento estratosférico e bonito, carregado de uma capacidade de mudanças positivas nos âmbitos individuais e sociais. O amor é coletivo e político, não aceita abuso ou desonestidade. Seja o amor próprio, o amor presente na família ou no terreno dos afetos românticos, esse sentimento é uma ação – uma ação que, em alguma medida, resulta de uma escolha. É necessário que se escolha conscientemente amar, e que repetidamente se reafirme essa escolha, fazendo-a de forma saudável, honesta e reflexiva: “Quando os anjos falam de amor, eles nos falam que apenas amando adentramos um paraíso terreno. Eles nos dizem que o paraíso terreno é nosso lar, e o amor, nosso verdadeiro destino.” (hooks, 2021, p. 263)

1.4 A raça e o amor

Até o presente momento, foram discutidas as subjetividades da raça e os diversos conceitos de amor. Agora é necessário que esses conceitos sejam articulados, de modo a traçar um panorama que trabalhe mais especificamente o amor dentro da raça e vice versa.

Para isso, é preciso retornar ao conceito de “administração de emoções”, da autora Ana Paula Pereira Gomes (2007), para entender o amor para mulheres negras através da lente analítica de uma sociedade misógina e racista. Gomes (2007) aborda a necessidade que o sujeito negro tem de construir uma autoimagem e uma imagem do seu grupo – ambas baseadas em representações positivas, visto que não lhe são apresentadas imagens benéficas em quase nenhum campo da esfera pública. Essa concepção está relacionada àquilo que Neusa Santos Souza chama de o “mito negro” e a necessidade de **tornar-se negro**.

bell hooks trabalha o passado histórico por traz dessas representações negativas e suas influências nas diversas formas como as pessoas negras percebem e vivenciam o amor romântico:

A escravidão condicionou os negros a conter e reprimir muitos de seus sentimentos. O fato de terem testemunhado o abuso diário de seus companheiros- o trabalho pesado, as punições cruéis, a fome- fez com que se mostrassem solidários entre eles

somente em situações de extrema necessidade. E tinham boas razões para imaginar que, caso contrário, seriam punidos. Somente em espaços de resistência cultivados com muito cuidado, podiam expressar emoções reprimidas. Então, aprenderam a seguir seus impulsos somente em situações de grande necessidade e esperar por um momento "seguro" quando seria possível expressar seus sentimentos. (HOOKS *apud* SANTOS, 2020, p.72)

Sob esse aspecto, é possível compreender mais profundamente as maneiras como o que é chamado de “administração de emoções” funciona em relação ao amor. Ana Paula Pereira Gomes (2007) explica que atitudes marcadas pelo desprezo e pela ironia surgem, muitas vezes, como uma estratégia para preservar a subjetividade do sujeito a partir dos padrões desprezíveis apresentados como alternativas. Para ela, “trata-se de uma saída possível: diante de um irremediável e degradante ‘Não Posso’, cria-se um altivo ‘Não Quero’, muito menos doloroso, que opõe à força da implacável estrutura o desejo do sujeito” (GOMES, 2007, p.533).

Assim, mulheres negras que enfrentaram experiências de amor fracassadas – e/ou que se sentiram negligenciadas romanticamente – reverterem a ideia do “não querem me amar”, “o amor não foi feito para pessoas como eu” para “eu não preciso amar”, “sou autossuficiente”. As dores históricas coletivas e individuais presentes nas representações do “mito negro” e nas formas de administração de emoções impostas às mulheres negras são quase sempre tão pesadas que o amor não é sequer um caminho reconhecido: “Onde está o amor, quando uma mulher negra se olha e diz: ‘Vejo uma pessoa feia, escura demais, gorda demais, medrosa demais – que não merece ser amada, porque nem eu gosto do que vejo’. Ou talvez: ‘Vejo uma pessoa tão ferida, que é pura dor, e não quero nem olhar pra ela porque não sei o que fazer com essa dor’”. (hooks *apud* SANTOS, 2020, p.74).

Entretanto, o amor cura – é o que diz hooks (2010, p.12). Mulheres negras devem escolher fazer o caminho para o amor. Transpor as barreiras dos “mitos negros” e suas representações negativas, e encontrar um lugar onde é possível se amarem e serem amadas. O que vemos, nas pessoas entrevistadas para este produto, é essa escolha pelo amor, seja o próprio, o da amizade, o de outro(s) – o que vai ao encontro do pensamento de hooks:

As mulheres negras que escolhem (e aqui ênfase a palavra "escolhem") praticar a arte e o ato de amar, devem dedicar tempo e energia expressando seu amor para outras pessoas negras, conhecidas ou não. Numa sociedade racista, capitalista e patriarcal, os negros não recebem muito amor. E é importante para nós que estamos passando por um processo de descolonização, perceber como outras pessoas negras respondem ao sentir nosso carinho e amor (hooks, 2010, p.10)

O caminho para o amor não é uma escolha fácil, mas a única forma de pensar em uma sociedade mais justa, potente e saudável é através do culto aos diferentes tipos de amor. Afinal,

“quando conhecemos o amor, quando amamos, é possível enxergar o passado com outros olhos; é possível transformar o presente e sonhar o futuro. Esse é o poder do amor. O amor cura” (hooks, 2010, p.12).

2. A CRÔNICA, A LITERATURA E O JORNALISMO

A principal característica da crônica é sua relação com o tempo – o que está explicitado em sua própria etimologia, que tem a origem em Cronos, o Deus do tempo (SIEBERT, 2014, p. 676). No seu início, a crônica tinha por função a descrição de um acontecimento ocorrido em certo espaço de tempo, uma função histórica de narrar, por exemplo, as novas terras e continentes descobertos, sempre pela observação direta:

(...) a observação direta é o ponto de partida para que o narrador possa registrar os fatos de tal maneira que mesmo os mais efêmeros ganhem uma certa concretude. Essa concretude lhes assegura a permanência, impedindo que caiam no esquecimento, e lembra aos leitores que a realidade – conforme a conhecemos, ou como é criada pela arte – é feita de pequenos lances. Estabelecendo essa estratégia, Caminha estabeleceu também o princípio básico da crônica: registrar o circunstancial (SIEBERT, 2014, p.677)

Roberta Scheibe assinala que a trajetória da crônica tem suas particularidades, conforme a região (SCHEIBE, 2006, p.20). Ainda assim, percebe-se que, mesmo sob as circunstâncias de diferenças, a crônica possui, desde sua gênese, o princípio de expor o ponto de vista do narrador – o sujeito que conta sobre um ocorrido a partir de sua observação. A partir disso, a mudança do que é chamado de “crônica histórica” para algo mais semelhante ao que encontramos hoje no Brasil começa com a chegada da família real à colônia – e com a mudança do público/leitor da crônica (SIEBERT, 2014, p. 678).

As primeiras crônicas brasileiras surgem com uma finalidade específica, nas palavras de Silvana Siebert: “é um espaço vazio destinado ao entretenimento. E já se pode dizer tudo o que haverá de constituir a matéria e o modo da crônica à brasileira” (p.678). A linguagem é despretensiosa, informal. De acordo com Roberta Scheibe (2006), as crônicas brasileiras nasceram nos jornais e, por isso, muitas vezes tratam de “efemeridades e simplicidades do dia a dia”, com a leveza que marca os “recursos textuais literários e jornalísticos” (p.25).

O presente trabalho se utiliza da crônica justamente em função da liberdade que o gênero proporciona para trabalhar jornalismo e literatura, como observam Daniela da Silva e Angélica Lüersen:

A união do jornalismo e da literatura dá origem a um texto com personalidade no que diz respeito ao uso da opinião, e originalidade no que tange o uso da imaginação no recorte dado para o tema. Aspectos atribuídos as características singulares do processo criativo e produtivo da crônica, e possíveis de serem observados no seu resultado final. (SILVA; LUERSEN, 2016, p. 14)

Além de liberdade, o gênero amplia as possibilidades de criatividade e permite abordagens capazes de provocar emoção e reflexões que proporcionam sentimentos de

proximidade e de intimidade entre o escritor e o leitor. Entretanto, para que seja possível traçar mais firmemente os caminhos que levaram à escolha do gênero nesse produto, é necessário olhar mais atentamente para a crônica como um gênero literário e jornalístico. Os estudos dos gêneros literários e discursivos estão especialmente focados nas nuances e características de uma obra, levando em conta toda sua complexidade. Não se trata, portanto, de uma fórmula matemática e objetiva. O contexto é essencial. Ao invés de “o que é?”, seria o “quando é?”. Para Becker (2013), é por isso que “a literatura e o jornalismo podem criar uma miscelânea, apagar fronteiras e misturar certezas quanto a usos de linguagem ou quanto a delimitações de gênero – caso específico da crônica” (p.14).

É também sobre o que (TODOROV *apud* LOBATO, 2018) fala em “As estruturas narrativas”. O caminho para estudar os gêneros narrativos é um meio termo entre o engessamento – um código universal a toda literatura – e o ato de acreditar que cada obra compõe um código diferente e específico. Como assinala Lobato, o que se propõe é uma rota intermediária no interior de um estruturalismo não determinista. É desse aspecto que surgiria a concepção da poética no sentido proposto pelo pensamento aristotélico, que acentua a importância de uma reflexão “não sobre o que todas as obras têm de igual, mas sobre o que se renova, recria e refunda a partir de cada nova produção”. (LOBATO, 2018, p.143).

Nesse sentido, é importante observar que o produto ao qual esse memorial faz referência, utiliza-se da crônica jornalística justamente por ser este um gênero essencialmente brasileiro, pela liberdade quanto à linguagem e à experimentação e pela sua relação direta com a literatura – o que permite desenvolver a poética do texto a partir do cotidiano. A jornalista Eliane Brum, por exemplo, traz o que chama de crônica-reportagem em “A vida que ninguém vê” (2006), na coletânea de 26 textos em que explora as miudezas do dia a dia. Em busca do extraordinário da vida de pessoas comuns, Brum faz um trabalho sensível, poético e jornalístico. O leitor mergulha profundamente nas vidas e cidadãos comuns e, ao final, tira daquela história algo inédito. A proposta, nas palavras da jornalista, é

(...) estimular um olhar que rompesse com o vício e o automatismo de se enxergar apenas a imagem dada, o que era do senso comum, o que fazia com que se acreditasse que a minha, a sua vida fossem bestas. A hipótese era a de que o nosso olhar fosse sendo cegado, confundido por uma espécie de catarata, causada por camadas de rotinas, decepções aniquilamentos, que nos impedisse de ver. Vemos o que todos veem e vemos o que nos programaram para ver. Era, com toda a pretensão que a vida merece, uma proposta de insurgência. Porque nada é mais transformador do que nos percebermos extraordinários – e não ordinários como toda a miopia do mundo nos leva a crer. (BRUM, 2006, p.105).

Para elaborar o produto ao qual esse memorial se refere, optou-se por esse modelo de crônica-reportagem discutido por Eliane Brum. Acredita-se que o gênero crônica, partindo dessa concepção, permite um equilíbrio entre o lirismo, a liberdade de escrita e o jornalismo. O formato da crônica permitiu que as entrevistas com as personagens, marcadas por relatos densos e únicos, pudessem ser organizadas e transformadas em textos com liberdade e fidelidade ao mesmo tempo. A próxima seção apresentará mais detalhes acerca desse processo.

3. PAUTA ESTENDIDA

O produto ao qual esse memorial faz referência foi pensado para que, por meio da crônica, a trajetória de seis mulheres negras - diversas entre si na idade, no modo de experimentar a sexualidade, na classe social e no estado civil - fosse relacionada ao amor romântico. Os respectivos percursos são, no entanto, atravessados por fatores que delineiam as escolhas e vivências dessas mulheres, tais como o racismo e a misoginia histórica e estrutural. Assim, cada história revela como o amor romântico se apresentou ao longo da vida dessas mulheres negras, a despeito das dores e das alegrias..

As seis mulheres foram escolhidas dentro da cidade mineira de Mariana. A primeira entrevistada foi a estudante de jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), Miriam dos Santos Nees, então com 19 anos, nascida em Riacho de Santana, na Bahia. Mirian é uma pessoa bem próxima a mim e, em uma conversa informal, abraçou a criação desse livro e aceitou participar. Ela foi escolhida a partir de conversas pessoais que já havíamos tido. Sua história sempre me pareceu interessante, principalmente pensando em trazer alguém jovem, não-monogâmico e bissexual, que está inserida no contexto da universidade federal. A entrevista aconteceu em dezembro de 2022, em frente à Igreja São Pedro dos Clérigos - uma escolha da entrevistada, que gosta da vista naquele local, no final da tarde.

Sarah Emanulle Batista Araújo, de 22 anos, é mineira, natural de Timóteo, no Vale do Aço, e cursa História na UFOP. Sarah relacionava-se afetivamente com uma amiga próxima quando a procurei. Eu queria trazer a perspectiva de uma mulher lésbica que se relacionasse com outra de forma monogâmica - e que estivesse apaixonada. Sarah não optou por nenhum lugar específico, e então realizamos a entrevista em uma tarde ensolarada de fevereiro de 2023.

Jeane Polva Lourenço Silva também é natural da cidade de Timóteo. Ela é jornalista, graduada pela UFOP e mestranda do Programa de Pós-Graduação da mesma instituição, onde pesquisa anarquismo e racialidade a partir de três autoras: Castiel Vitorino Brasileiro, Aline Mota e Rosana Paulino. Jeane é travesti e me foi indicada por uma professora do curso. Eu a procurei porque também queria trazer, para o livro, alguma narrativa dissidente. A Jeane sugeriu o jardim, no centro histórico de Mariana, como lugar para a entrevista e nós nos encontramos lá também durante o verão de 2023.

Patrícia tem 34 anos, é professora de Português da rede estadual de ensino, militante do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificados (PSTU), nascida e criada em Mariana, e heterossexual. Eu a conheci através das redes sociais e ela chamou minha atenção por causa da sua militância - e também por ser uma pessoa fora do contexto universitário, mas marianense.

Patrícia não optou por nenhum lugar específico e aceitou de bom grado a minha proposta de realizar a entrevista no jardim. Conversamos num sábado à tarde. Foi uma das minhas conversas mais longas

Magda Rosa Ferreira tem 49 anos, é bissexual e está em uma relacionamento com uma mulher, além disso, trabalha como auxiliar de farmácia há 13 anos na Prefeitura de Ouro Preto. Magda nasceu e foi criada em Ouro Preto, a conheci por uma coincidência no meu antigo trabalho como Assessora de Comunicação de uma vereadora, quando Magda foi indicada ao prêmio de “Mulher Destaque”, somente depois fui descobrir que Magda também era a “Diguinha” de quem ouvi falar por tanto anos, uma amiga querida e muito próxima da minha família paterna. Conversei com a Magda em uma entrevista a distância pois não conseguimos achar um horário e local que batia na agenda, a conversa se desenrolou facilmente, sendo a minha entrevista mais longa.

Maria de Lurdes tem 74 anos, é aposentada, tem três filhos e foi casada por 57 anos. Em 2022 perdeu o marido, Dario, em uma cirurgia malsucedida. Interessava muito a mim trazer a perspectiva de uma mulher negra idosa. Eu a conheci através de Mirian, a outra entrevistada, que também teve a oportunidade de conversar com Mariana Academia Marianense de Bordado. Encontrei-me com Maria de Lurdes em sua casa, no início do inverno, e a sugestão de conversarmos ali partiu dela. Foi uma entrevista bem intimista. Pela primeira e única vez durante o processo de produção desse livro, estive dentro da casa de uma dessas mulheres, cercada de fotografias e de memórias da sua existência com o marido.

Após esses contatos e diálogos com as entrevistadas, restava pensar o projeto gráfico que abrigaria essas vivências narradas. Optei por trazer na ilustração da capa, mas também dentro do livro, nas subcapas, algumas referências à negritude, à ancestralidade, ao amor e àquilo que é individual e único em cada mulher abordada. Além disso, as cores em tons terrosos, a tipografia e a apresentação em formato PDF foram pensadas para trazer uma ideia mais intimista e, também, de fácil apresentação e veiculação, fácil de ser acessado em diferentes plataformas online, por exemplo.

4. PROPOSTA E RELATÓRIO DE PRODUÇÃO

A ideia inicial de escrever sobre o amor e mulheres negras deve ter vindo a mim ainda no terceiro período do curso, quando estudamos redação em jornalismo e lemos sobre jornalismo subjetivo, escrevemos perfis e crônicas. Gosto de pensar nesse jornalismo centrado no outro, em ter o prazer de ouvir e a honra de escrever sobre isso. As subjetividades do sentimento, o recorte racial e, obviamente, as experiências observadas primeiro em mim, depois em mulheres da minha família e, por fim, em outras mulheres negras ao meu redor, moveram-me a escrever sobre isso.

4.1 Processo de produção e estratégias

O ponto mais divertido – mas também doloroso – do início dessa trajetória, quando eu ainda refletia sobre as teorias que me serviram de base nesse projeto, foi estudar sobre o amor. Quase tudo no mundo é sobre esse sentimento. Não consigo me lembrar de um filme ou livro que não reverenciasse ou lidasse com o amor, mas, quando precisei de teorias, de ciência, de pesquisas mais profundas e sociológicas, percebi que seria necessário procurar mais a fundo. Principalmente por causa do recorte social e racial que eu buscava.

Sabia que bell hooks me iluminaria nesse caminho, já tinha lido outros livros da autora e sabia da potência das suas palavras – de balançar certezas em lugares muito profundos. Em “E eu não sou uma mulher?” (2019), ela já havia me arrebatado com sua análise profunda do que era ser uma mulher negra – e também com uma abordagem histórica do processo de construção social de mulheres negras. Fui então apresentada à questão dos afetos, sentimentos e subjetividades.

Fiz outras leituras importantes antes de mergulhar em “Tudo sobre o amor” (2000), mas foi essa a obra da hooks que me serviu de base para a construção das perguntas para as entrevistas. A obra também me ajudou muito no processo de me organizar para a escrita das crônicas. Não foi uma leitura deleitosa. Parei diversas vezes para pensar e, em outras, para parar de pensar no assunto. Em diversas partes do livro – e também em diversos momentos durante o desenvolvimento deste produto –, tive que parar. Precisei me afastar completamente do assunto para poder seguir de maneira profissional. Em outras ocasiões, precisei olhar para dentro de mim – para poder ser justa.

Desde que surgiu a ideia deste produto, foram várias as ideias e escolhas. O primeiro pensamento, entretanto, permaneceu: se eu vou falar sobre o amor para mulheres negras, é preciso imaginar e traçar a diversidade entre elas. Mulheres de vinte e poucos, mulheres de trinta e poucos, casadas, viúvas, solteiras, LGBTQIA+ e por aí vai.

4.2 As personagens, entrevistas e escrita das crônicas

Foi um longo processo para imaginar cada entrevista. Inicialmente, eu tinha um roteiro básico de 15 perguntas. Gostava da ideia de serem meramente norteadoras, já que deixaria a conversa se desenrolar naturalmente. Essa técnica funcionou perfeitamente com a primeira entrevistada, Mírian. A relação que eu já tinha com ela, o fato de saber um pouco sobre a sua história e sua vida, transformou a entrevista em uma conversa fácil, que durou uma hora e resultou numa sonora rica em conteúdo. Para escrever também foi mais fácil, e pelas mesmas razões: o conhecimento que já tinha sobre ela e a relação que já havíamos estabelecido. Isso me deixou mais confiante para escrever.

Já a entrevista com a Jeane foi diferente. Sem qualquer relação prévia, tive que lidar com muitos imprevistos. Algumas questões foram respondidas todas juntas, em um minuto, e havia aquela ânsia por sentir que algo ainda faltava, que eu precisava saber muito, muito mais para conseguir fazer a crônica. Um “mais” que não seria possível descobrir em 40 minutos de entrevista. Seriam necessários dias, anos, uma vida inteira de memórias para conseguir escrever sobre ela da forma que ela merecia. Ouvi e reouvi o áudio diversas vezes, escrevi e apaguei mais ainda, não sabia como começar, como ser fiel ao que ela sentia, ao que quis me passar e a quem é. Foi somente após ler alguns dos textos de Fabiana Moraes (2021) e Eliane Brum (2011) que consegui entender que jamais uma reportagem, notícia, perfil ou crônica faria jus à vida inteira de uma pessoa, a todas as complexidades que ela tem. O que nos cabe é o tangível, isto é, tudo o que Jeane me falou – e também uma parte do intangível, ou seja, aquilo que se entende a partir das pausas, hesitações, suspiros e olhares.

A partir daí, revisei a crônica da Mírian com outro olhar. Não tinha nem dez por cento dela, e não teria da Jeane ou de qualquer outra que viesse. Aprendi a lidar com as ausências que se apresentavam nas crônicas e perdoei o recorte e as limitações por existirem, me perdendo também pelos meus próprios recortes e limitações. Todo esse processo de lidar com as ausências facilitou as entrevistas subsequentes. Havia conseguido tirar dos ombros o peso

daquilo que, na verdade, era inalcançável: representar tudo o que uma pessoa é em poucas páginas

Outra entrevista importante para identificar a necessidade de certas adaptações foi aquela realizada com a Sarah. Até então eu tinha entrevistas que rendiam bastante a cada tópico que eu colocava – pessoas que estendiam muito facilmente as questões, que contavam histórias durante a entrevista e que se abriam mais sobre questões familiares e sobre sentimentos. Mas Sarah era bastante reservada e lacônica, o que fez com que todas as minhas perguntas fossem respondidas em aproximadamente vinte minutos. Além disso, não havia, durante o diálogo, muito espaço para estabelecer os ganchos que me permitiram colocar mais questões no momento da conversa. Precisei de uma nova abordagem, que era não pensar em como eu tinha construído as crônicas até agora, mas, sim, ouvir primeiro a Sarah, com o que ela me entregava. Só depois disso poderia assimilar e decidir o melhor modo de escrever.

Patrícia também me entregou uma experiência diferente. Foi a primeira das entrevistadas não centrada no núcleo UFOP. Nascida e criada em Mariana, tinha experiências e modos de ver diferentes das outras entrevistadas, e também de mim. Ao tocar num tema muito específico e delicado – o suicídio do ex-namorado –, desabou em lágrimas. Foi a primeira vez que, como jornalista, vi alguém se emocionando a esse ponto. Fiquei em dúvida sobre a melhor maneira de conduzir aquela situação de forma profissional – e acabei escolhendo a empatia, segurando o nó na garganta.

O mesmo nó na garganta ressurgiu na entrevista com Maria de Lurdes, a conversa foi bem diferente das que eu tinha tido até então, a começar pelo local de encontro: a casa da Maria. Ao entrar, deparei-me imediatamente com o aparador que continha fotos emolduradas de uma vida inteira de amor. Eram fotos dos filhos, netos e, principalmente, do casal. Em todas as entrevistas, não houve um foco em uma relação romântica específica. Normalmente traçávamos o amor recebido a partir da infância, depois a transição para adolescência e algumas perspectivas de futuro. Entretanto, Maria, desde o início, focou sua história em Dario, seu marido. Sendo assim, procurei me adaptar tanto no processo de escuta, quanto para escrever a crônica.

Por último, entrevistei a Magda. Devido a um conflito de agendas e ao fato de ela morar em Ouro Preto, cidade vizinha à Mariana, onde eu resido, a entrevista foi feita à distância, através da plataforma Google Meet. No início, fiquei receosa sobre como conduzir a entrevista nesse formato. No entanto, Magda é uma pessoa extremamente expressiva e discorre facilmente sobre os assuntos propostos. Um fato interessante, que descobri quando conheci Magda, é sua

relação próxima com um tio meu. São amigos e Diguinha – como gosta de ser chamada – já conhecia intimamente grande parte da minha família do lado paterno.

Todas as entrevistas tiveram pontos consoantes e dissonantes. Cada mulher das seis entrevistadas trouxe novas abordagens, necessidades diferentes, formas diversas de contar suas histórias. Todos os relatos, em algum ponto, fizeram com que meu estômago se embrulhasse. Foi um desafio escrever sobre abandono, baixa autoestima, racismo, transfobia, luto e tantas questões tão individuais e características das miudezas de cada existência. No fim, precisei me deixar ser embalada por cada história da forma como ela se apresentava a mim, de forma que pudesse escrever as crônicas da maneira mais honesta possível.

5. O PROJETO GRÁFICO

Inicialmente, para apresentar melhor as referências visuais a serem utilizadas para a construção do projeto gráfico do produto, recorre-se a um *moodboard*¹. O quadro abaixo apresenta possibilidades iniciais de paleta de cores, texturas, tipos de ilustrações, tipografia e título que norteiam as expectativas quanto ao produto.

FIGURA 1 - Moodboard Referência visual



5.1 O título

A escolha do título “Baobá” me remete à imagem de minha mãe, que me apresentou O Pequeno Príncipe (1943). Dentro dessa história, a árvore carrega um simbolismo ao assumir a tarefa de impedir que sentimentos ruins cresçam, que suas raízes destruam tudo. Anos depois, seguindo a tradição familiar, apresentei O Pequeno Príncipe Preto (2020) para minha irmã. Nele, o simbolismo da árvore está mais próximo das reflexões que eu trago aqui, pois a obra fala de ancestralidade e do princípio do mundo, fala sobre cultivar o amor para que as raízes possam nos recarregar, possam nos alimentar.

¹ *Moodboard* é um mural composto por imagens e/ou vídeos que representam a essência de um projeto. Funciona como inspiração e auxilia na definição da identidade do produto.

Baobá é uma árvore de origem africana, capaz de alcançar 30 metros de altura e até 7 metros de circunferência. Armazena até 120 mil litros de água e, por isso, suporta longos períodos de seca e tem enorme longevidade. Além disso, possui ramos e galhos muito característicos em sua imponência. Não por acaso há tantos provérbios e lendas sobre a Baobá. Dentro de uma aldeia, é sob essa imensa árvore que se dão importantes momentos de socialização, é onde os anciões discursam e onde os namorados se encontram, como assinala Waldmen:

Dignificados enquanto marco identitário, os Baobás confirmam um mandato repassado por gerações que habitam o reino dos antepassados, ciosamente resguardado em nome da tradição. Assim, bem mais do que uma árvore, o Baobá é, por excelência, o guardião de sentidos e significados endossados pelos povos da África, pelas suas sociedades e culturas, seus modos de ser suas aspirações, expectativas de vida e religiosidade. (WALDMEN, 2012, p.225).

Quando pensamos na tradição e simbologia da Baobá através dessa perspectiva – relacionada ao resguardo, à ancestralidade e à tradição –, é possível estabelecer uma relação muito direta com o amor. O amor, que também é o lugar onde se encontram as grandes manifestações sociais humanas, é também a dimensão na qual nos unimos e cultivamos o futuro, reverenciamos o passado, e onde nos formamos enquanto um ser. Trata-se de uma concepção que nos remete à grandeza do Baobá enfatizada por Waldemen (2012): “(...) explicitando-se enquanto referência espiritual da vida comunitária, o Baobá assegura que independentemente do que vier a acontecer, ele é repositório da experiência ancestral, cujos ensinamentos, são permanentemente rerepresentados às novas gerações” (p.255)

5.2 A ilustração e paleta de cores

A ilustração da capa, uma concepção do artista Mayron Gomes, vai retomar a potência da árvore com suas raízes entrelaçadas em um coração humano. A simbologia que busco trazer é, novamente, a relação entre o amor – muitas vezes ligado ao coração – e a Baobá como símbolo de ancestralidade, potência e vida. As raízes que o alimentam constroem e mantêm a dimensão dessa árvore exatamente quando se entrelaçam. Isso nos diz sobre como a força de todo sujeito vem do amor, sobre como é através dele que nos formamos e crescemos, sobre como é por ele que sobrevivemos. Ademais, a árvore também carrega a negritude por tratar-se de uma espécie de origem africana, com grande simbologia para diversos povos africanos

A paleta de cores em tons terrosos e fortes foram pensados para fazer ligação com a natureza, com um retorno às raízes, ao profundo, em uma conexão direta com a Baobá e tudo o que ela representa. Tons terrosos proporcionam a sensação de conforto, aconchego e proximidade com o que é natural, e parece se relacionar bem como livro, cujo objetivo é falar sobre vulnerabilidades e subjetividades em relação ao amor.

Ainda em relação à capa, o título seria na fonte Kaoly Demo, caracterizada pelos traços grossos e pelo grande movimento nas letras. Esteticamente, trata-se de uma fonte que se harmoniza com a ideia da natureza, com a subjetividade e a vulnerabilidade, combinando as formas mais leves e artísticas com os traços encorpados e escuros.

5.3 A diagramação

O livro de que trata esse memorial é apresentado no formato PDF com as dimensões 11,7 x 18 cm. O tamanho foi decidido a partir de uma escolha estética fundada na minha ideia de que um livro menor seria mais delicado. Além disso, esse tamanho me remetia também a outros livros de crônicas que li nesse percurso. A tipografia utilizada nas crônicas é a Microsoft Yahel 10pt e foi escolhida pensando no que seria melhor para o leitor.

Além disso, cada mulher entrevistada tem a sua própria “subcapa”, marcada por um estilo específico e uma ilustração que reverencia elementos presentes nas crônicas, tais como características físicas e/ou de personalidade de cada uma. O título de cada crônica recebeu a mesma fonte que o título do livro. Essa estratégia foi pensada para dar um toque pessoal no livro, além de valorizar a individualidade de cada mulher que me apresentou uma história de amor – histórias completamente diferentes e únicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Baobá” fala sobre o amor, mas não somente. É também um retrato sobre as miudezas da vida de seis mulheres negras, pessoas atravessadas cotidianamente por diversas violências. O produto final revela muito do que nos faz humanos, do que torna uma pessoa negra, do lugar que o amor ocupa em diferentes vivências. Fala também sobre imaginar um futuro, sobre aquilo que bell hooks diz: “quando conhecemos o amor, quando amamos, é possível enxergar o passado com outros olhos; é possível transformar o presente e sonhar o futuro. Esse é o poder do amor. O amor cura” (hooks, 2010, p.12).

Para que o amor cure é preciso que falemos sobre ele em sociedade, que possamos assumir que, às vezes, sentimos falta do amor. Admitir que estamos aprendendo, que muitas vezes não sabemos dar ou receber o amor – mas que o queremos. O legado que bell hooks deixa é sobre a necessidade de tratar o amor na coletividade, com seriedade e atenção, e é isso que norteou todos os caminhos deste livro, do início até o final.

Ao longo deste percurso, entretanto, precisei retornar diversas vezes ao fato de que o amor é lido e interpretado de maneiras diferentes, que estou contando histórias de sujeitos fragilizados, cada qual à sua maneira – e que precisaria me esforçar ao máximo para honrar o que me falaram. Ao mesmo tempo, era preciso saudar as histórias contadas por essas mulheres, o tempo que elas me dedicaram, a vulnerabilidade que revelaram e a fé depositada no amor como algo que deve ser falado.

Para que fosse possível traçar esse caminho, foi necessário, ainda, voltar aos conhecimentos adquiridos na universidade, principalmente àqueles repassados no início do curso. Falar sobre o amor se mostrou, muitas vezes, falar também sobre rejeição, violência, autoestima e luto. Todos esses tópicos parecem nos confundir quando pensamos em qual seria a melhor forma de procedermos como jornalistas para agir de forma ética. Contudo, graças ao ensino público de qualidade que me foi oferecido, pude utilizar dos conhecimentos adquiridos em redação, apuração, entrevista, crítica de mídia e ética jornalística. Além disso, também recorri aos aprendizados que tive com colegas e professores naquilo que diz respeito à ordem da subjetividade. Tudo isso contribuiu para que eu me transformasse na pessoa que sou hoje.

Ao final dessa trajetória eu me compreendo como profissional qualificada, que percebe muito claramente o que me move. Escolhi jornalismo por gostar de histórias, de gente. E terminei este caminho falando sobre mulheres negras e sobre o amor porque não poderia haver honra maior. No jornalismo aprendemos que não “damos voz” a ninguém, somente ajudamos

– no melhor dos casos – a ampliar as possibilidades de dizer. Espero que as vozes dessas seis mulheres ecoem por vários caminhos, que elas sejam amadas, que amem e que sejam capazes de projetar futuros melhores para si mesmas.

Este trabalho tem tudo de mim. Em cada página que escrevi misturava um pouco do que sou eu no que são essas mulheres. A profissional que quero ser se reflete neste livro. Espero que o amor cure e que façamos coisas por e pelo o amor, sempre. Este trabalho representa a finalização de uma etapa à qual sou eternamente grata e não poderia finalizá-la sem falar de amor, de mulheres, de negritude, de sexualidades, de paixão e subjetividade. Não poderia me dizer jornalista sem falar de pessoas, sem contar sobre elas, sem deixar algo a elas.

REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, C.; DJAMILA RIBEIRO. **Interseccionalidade**. [s.l.] São Paulo Pólen São Paulo Sueli Carneiro, 2019.
- BECKER, C. V. A crônica e suas molduras, um estudo genológico. **Estação Literária**, [S. l.], v. 11, p. 10–26, 2013.
- GOMES, A. P. P. O Negro – Individual, Coletivo, Self, Raça e Identidade: algumas questões sobre o tornar-se negro e a auto-rejeição. **Revista Cronos**, [S. l.], v. 8, n. 2, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/1854>. Acesso em: 7 abr. 2023.
- HOOKS, Bell. **E eu não sou uma mulher?:** Mulheres negras e feminismo. 5. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020. 319 p.
- HOOKS, Bell. **Tudo sobre o amor:** Novas perspectivas. 9. ed. São Paulo: Elefante, 2021. 266 p..
- HOOKS, bell. Vivendo de Amor. **Portal Geledés**, São Paulo, 9 mar. 2010. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor>. Acesso em: 20 Jan. 2023.
- KONDER, Leandro. **Sobre o amor**. Boitempo Editorial, 2015.
- MENDES LOBATO, José Augusto. Da crônica à grande reportagem, da biografia ao perfil: mapeando contribuições estruturais da literatura ao jornalismo interpretativo. **ALCEU**, [S. l.], v. 18, n. 36, p. 142–156, 2018. 7
- NOGUERA, Renato. **Por que amamos:** o que os mitos e a filosofia têm a dizer sobre o amor. Rio de Janeiro: Harper Collins Brasil, 2020
- OLIVEIRA, F. Ser negro no Brasil: alcances e limites . **Estudos Avançados**, [S. l.], v. 18, n. 50, p. 57-60, 2004. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9969>. Acesso em: 7 abr. 2023.
- SANTOS, Ana Verônica Freire Monteiro dos. "AMOR E RESISTÊNCIA–BELL HOOKS E A ESCRITA DO AMOR." **Cadernos de Pesquisas Multidisciplinares sobre Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero-CRSG** 2.1 (2020): 64-76.
- SANTOS, Neuza Souza. **Tornar-se Negro ou as Vicissitudes da Identidade do Negro em Ascensão Social**. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1983.
- SCHEIBE, Roberta, et al. **A crônica e seus diferentes estilos na obra de Humberto de Campos**. Universidade de Passo Fundo, Programa de Pós-Graduação em Letras, Passo Fundo, 2006.
- SIEBERT, Silvânia. A crônica brasileira tecida pela história, pelo jornalismo e pela literatura. **Linguagem em (Dis) curso**, 2014, 14: 675-685.

SILVA, D. R. P.; LUERSEN, A.; Hugo Paulo Gandolfi de Oliveira. **A construção da crônica jornalística**: uma análise da rotina criativa e produtiva dos cronistas Humberto Werneck, Juremir Machado da Silva e Viviane Bevilacqua. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade Comunitária da Região de Chapecó.

WALDMAN, M. O Baobá na paisagem africana: singularidades de uma conjugação entre natural e artificial. **Revista África**, [S. l.], n. esp, p. 223-235, 2012. DOI: 10.11606/issn.2526-303X.v0iespp223-235. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/africa/article/view/102638>. Acesso em: 9 jun. 2023.